# O Modelo Nacional-Desenvolvimentista

Simon Schwartzman

(1978)

"Nacional-desenvolvimentismo" é uma expressão que evoca a década de 50, com a criação da Petrobrás, a criação de um amplo movimento politico que se auto-intitulava de "nacionalista", a existência de uma Frente Parlamentar Nacionalista no Congresso, e a preeminência do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. A existência deste movimento politico tem duas raízes principais. Uma mais histórica, relacionada com as tendências centralizadoras e tecnocráticas do Estado; outra, mais própria do clima politico dos anos 50 .

Historicamente, a tradição centralizadora e burocrática do Estado patrimonial brasileiro abriga, desde o início da República, um setor tecnicamente inspirado, de orientação positivista no mais das vezes, e de formação militar ou de engenharia. O Ministério da Agricultura, Industria e Comercio, criado originariamente em 1860, ganha impulso a partir do inicio desde século, como núcleo de um grupo positivista militante. Em seu depoimento póstumo Jesus Soares Pereira traça esta tradição a Rodolfo Miranda e Mário Barbosa Carneiro. a quem sucede, já em 1931, Juarez Távora. "Dentro do próprio Ministério da Agricultura, principalmente no antigo Serviço de Geologia e Mineralogia do Brasil, depois Departamento Nacional da Produção Mineral, havia núcleo de tendências nacionalistas, muito esclarecido e atuante. Convivi com homens como Adosindo Magalhães de Oliveira, um engenheiro de quem pouco se fala, mas homem de alto valor moral, neto de Benjamim Constant, um dos pioneiros no lançamento das ideias nacionalistas em torno dos recursos minerais e de energia elétrica. Muitos anos depois seria um dos diretores da Companhia Hidroeletrica do São Francisco, em cujo posto veio a falecer" (Jesus Soares Pereira, *Petróleo, Energia Elétrica, , Siderurgia : A Luta pela Emancipação*, Rio: Ed. Paz e Terra, 1975) .

O Serviço Geológico, a Estação Experimental de Combustíveis e Minérios, o Departamento Nacional da Produção Mineral, estas são, nas décadas de 20 e 30 , as instituições onde este núcleo de tendências nacionalistas, formado na Escola Politécnica como na Escola de Minas de Ouro Preto, trabalha e opera. Dois grandes temas ocupam, nessa época, sua atenção: a questão do ferro e a questão do petróleo.

A *cause celèbre* do ferro é o contrato do governo brasileiro com a Itabira Iron, realizado através da pessoa de Percival Farquhar. Tratava-se de um convênio para a cessão dos direitos de exportação dos minérios de Minas Gerais, através de um porto no Espirito Santo, e que tinha como contrapartida a construção de uma usina siderúrgica no Brasil . Esta segunda parte do contrato seria de difícil cumprimento, por uma série de razões de ordem econômica, e pelo desinteresse das grandes companhias norte-americanas em construi-la; a oposição ao acordo, pela primeira vez, possivelmente, na história do Brasil, coloca claramente em questão as teorias correntes sobre a divisão internacional do trabalho (que conduziam a manter o pais na condição de exportador de matérias primas) tratando de fazer valer o contrato inicial. Arthur Bernardes, em Minas Gerais, surge então como campeão de uma solução nacionalista para o problema do aço, muito menos pela identificação com o grupo técnico e positivista no Rio do que por haver vislumbrado a possibilidade de obter uma contrapartida significativa de recursos econômicos para seu estado. Apesar de poucos resultados práticos iniciais, a preocupação com a questão do aço leva, no período que antecede a guerra, às negociações que permitem a construção de Volta Redonda, já como parte do "pacote" que alia o Brasil aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra.

O outro grande tema, que ressurgiria com mais força na década de 50, é o do petróleo. Aqui, a grande confrontação é entre Monteiro Lobato e o Departamento Nacional de Produção Mineral, dirigido na época por Fleury da Rocha. De um lado, a atitude empresarial, aberta, independente e as vezes aventureira de Lobato. Forma sua companhia de petróleo, trata de vender ações para o público, afirma que o Petróleo existe mas está sendo ocultado. De outro, o DNPM, acusando a Lobato de aventureiro, afirmando que o petróleo não existe, dificultando no que pode os trabalhos de prospecção. Ao fundo, o fantasma dos "trusts" internacionais. Para Lobato, eles estariam em conluio com o Departamento, na tentativa de impedir a descoberta do Petróleo no Brasil. Para o Departamento, no entanto, o que importa é impedir que a exploração do petróleo fique em mãos privadas, e muito mais com subvenção governamental. O Código de Minas, estabelecido em 1934, é extremamente difícil e obstaculizante para a iniciativa privada; Lobato, em seu libelo contra o governo, sá encontra paralelo para a nacionalização do subsolo na Rússia Soviética, e faz questão de assinalá-lo.

A segunda guerra mundial reverteria muitas posições. Lobato, por sua denuncia dos "trusts" do petróleo, ressurge nos anos 50 como símbolo do nacionalismo. Os nacionalistas dos anos 30, no entanto, se associariam a técnicos , cientistas e militares norte-americanos no período da

guerra - no DNPM, na criação de Volta Redonda, na Estação Agronômica do Norte (dedicada ã produção de borracha), na defesa militar do país, e nos campos de batalha da Itália. Para muitos que viveram esta experiência, o fortalecimento do país parecia indissoluvelmente ligado a uma proximidade com os Estados Unidos. No clima da guerra fria dos anos 50, no entanto, eles seriam chamados de "entreguistas".

O desenvolvimento econômico do país, a partir dos anos trinta, pareceria colocar em confrontação o nascente capitalismo paulista com o governo nacional centralizado de Vargas, urna confrontação que explode em 1932. Ainda que nunca chegasse a haver harmonia, há conciliação depois disto, e os interesses do industrialismo independente e do estado centralizador coincidem durante a guerra; com o coincidem, também, em sua proximidade tecnica, ideológica, militar e econômica em relação aos Es tados Unidos no período de apôs guerra.

É neste contexto que se arma, nos anos 50, a nova polarização. Na esquerda, à oposiçao aos Estados Unidos no ambiente da Guerra Fria une-se a oposição ao capitalismo crescente no país, claramente cosmopolita e avesso a qualquer política social que implique um crescimento exagerado do setor público. Os grupos técnico-burocráticos se dividem. Sua maioria, talvez, renega o estatismo centralizador dos anos 30, e abraça as ideologias liberais e capitalistas que se impõem na aliança com os Estados Unidos. Outros, entretanto, mantem as ideologias nacionalistas e estatizantes da época anterior. É desta combinação entre o estatismo dos anos 30 - incluindo , até mesmo, Arthur_Bernardes - e os movimentos e ideologias de esquerda do após-guerra que surge o nacional-desenvolvimentismo: antiamericano, estatizante, tolerante do capitalismo (desde que controlado), com preocupações de resolver os problemas do subdesenvolvimento. Uma ideologia que empolga a imaginação dos intelectuais, dos estudantes, de setores da máquina administrativa que gostariam de jogar um papel mais central nos destinos do país, e até mesmo de setores operários das grandes cidades, que aprendem a identificar nos "trustes" internacionais presentes no país -as companhias de energia elétrica, de combustíveis, de transportes urbanos - um inimigo visível.

**Referências**

Martins, Luciano: *Politique et Développent Économique: Structures de Pouvoir et système de décision au Brésil*, 1930-1964. Tese de Doutorado de Estado, Universidade de Paris V, 1973.

Baer, Werner: *Siderurgia e desenvo1vimento brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

Gauld, Charles A; *The Last Titan: Percival Farquhar, American entrepreneur in Latin America.* California, Institute of International Studies, Glenwood Publishers, 1972,

Oliveira, Euzebio Paulo de; *Minérios de Ferro e Industria Siderúrgica*. Rio de Janeiro, Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1930.

Wirth, John D*. The Politics of Brazilian Development, 1930-1954*. Stanford University Press, 1970.

Carvalho, José Murilo: A Escola de Minas de Ouro Preto – O Peso da Glória. São Paulo, Cia. Editora Nacional,1973.

Carone, Edgard, O Pensamento Industrial no Brasil, 1880-1945. São Paulo, DU'EL ,1977.